

# PROCESSOS COMUNICACIONAIS E PERCEPÇÃO RACIAL DE MULHERES NEGRAS NA AMAZÔNIA PARAENSE<sup>1</sup>

Thamyres Ferreira COSTA <sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo busca compreender como os processos comunicacionais são elementos fundamentais na percepção racial de mulheres negras na Amazônia Paraense. Realizou-se arguição teórico-metodológica em busca de compreender como os processos comunicacionais corroboram para compreensão e percepção da identidade racial dessas mulheres, a partir do prisma da interação no contexto comunicação de Braga (2012) e Sodré (2007;2015;2017). A metodologia utilizada foi baseada na centralidade do sujeito de Kilomba (2019) e para as entrevistas utilizou-se de entrevistas dialógicas de Medina (1995). As sujeitas desta pesquisa são 4 (quatro) mulheres negras cidadãs da Amazônia Paraense.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; amazônia paraense; mulheres negras.

---

<sup>1</sup> Este trabalho contou com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Mestranda e pesquisadora da Universidade Federal do Pará, no programa de Pós-graduação em Comunicação Cultura e Amazônia. Membro do grupo de pesquisa Cidadania Comunicativa e Educação: Lutas por direitos na Amazônia. E-mail: thamyres.costa@ilc.ufpa.br.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“O risco que assumimos aqui é o ato de falar com todas as implicações”.  
(Lélia Gonzalez, 2020).

Este artigo busca compreender como os processos comunicacionais vivenciados por mulheres negras na Amazônia Paraense impactam na sua percepção racial, processos esses, os quais se dão a partir das interações sociais e experiências que atravessam as vivências dessas mulheres. Para que a compreensão se torne possível utilizaremos das contribuições teóricas de Braga (2012), Sodré (2007;2015;2017) e outros autores. Além disso, a experiência da autora como mulher negra amazônida ajudar  a alcançar o objetivo proposto, dada a complexidade e a pouca explora o da temática sugerida em pesquisas acadêmicas ainda nos dias de hoje.

A inquieta o por essa temática surge a partir da reflexão crítica de minha experiência única e compartilhada com outras mulheres pretas também cidadãs da Amazônia Paraense. Ao partilhar de diálogos e experiências com mulheres pretas pude perceber similaridades em nossas vivências e pontos de conexão, como os processos comunicacionais e raciais partilhados desde o nascimento até nos reconhecermos como mulheres pretas na Amazônia Paraense, região a qual apresenta especificidades geopolíticas e sociais únicas, comparadas ao restante do Brasil, como, por exemplo, os desafios perante a morenidade da popula o.

Para iniciar o debate teórico, é importante compreender a comunica o tal qual Sodré (2007, p.16), para ele os estudos em comunica o podem ser considerados parasitários, pois as ciências da comunica o podem ser estudadas a partir das chamadas disciplinas clássicas do pensamento social, como antropologia, psicologia, economia, entre outras, dada sua natureza interdisciplinar, podendo assim ser abordada em vários aspectos da vida e da epistemologia.

Ainda de acordo com Sodré (2015), o termo “comunica o” é proveniente do latim *communicatio/communicare* o qual tem o sentido principal de “partilha” ou “pôr-se em comum”, já a intera o “  uma instância inerente à partilha comunicacional”, a qual se sobrepõe ao conceito de comunica o apenas como a transmissão de uma mensagem (p.8). Em Pensar Nag  (2017), o autor ainda complementa afirmando que comunicar “significa vincular, relacionar, concatenar, organizar ou deixar-se organizar pela dimensão constituinte, intensiva e pr -subj tiva do ordenamento simbólico do mundo” (p.233). Nessa perspectiva,

Braga (2012) afirma que “as interações sociais são o lugar de ocorrência da comunicação” (p.26).

Assim, Braga (2012) com seus estudos sobre “*Interação como contexto da comunicação*” e Sodré (2015) com estudos voltados à comunicação e interações sociais, são autores essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa, ao nos ajudar a compreender os contextos das interações em meio a epistemologia e o fazer da comunicação. Além disso, são importantes para que pensemos em uma ciência da comunicação que ultrapasse o imaginário da comunicação apenas como o ato de emitir e receber mensagens, muitas vezes relacionado apenas a utilização de dispositivos tecnológicos ou outros mediadores.

Os processos de comunicação abordados nessa pesquisa se dão nas interações sociais tornando-as relevantes para que possamos compreender como as mulheres negras se autopercebem como indivíduos na sociedade, a partir das trocas sociais. Em nosso caso, mais especificamente, como as mulheres pretas cidadãs da Amazônia Paraense começaram a se perceber como tais. Já que para Braga (2012): a comunicação acontece, repentina, porque alguém se transforma – e percebe que se transforma (p.29). Dessa maneira, analiso nesta pesquisa a transformação das mulheres pretas ao se autoreconhecerem como tais, a partir dos processos comunicais enfrentados por elas no dia a dia.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no estado do Pará, no ano de 2022, 79,7% da população se autodeclara como pretos ou pardos. Assim, para esta pesquisa, busco compreender como o processo de percepção racial das mulheres negras ocorre na Amazônia Paraense, a partir das interações sociais vivenciadas por elas, levando em consideração que ser mulher negra nesta região apresenta peculiaridades específicas, como a questão da morenidade enfrentada por elas. Sendo assim, suas experiências se diferem de outras partes do país, dadas as complexidades histórico-sociais que afetam a população da região.

Nos diálogos realizados foi possível perceber pontos conexão e partilha de subjetividade entre as 4 (quatro) mulheres pretas cidadãs da Amazônia Paraense, elas relatam que começaram a se perceber como mulheres pretas através dos processos comunicativos e das interações sociais vividas entre familiares, conhecidos e principalmente nos ambientes educacionais ao longo da primeira infância.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, os procedimentos metodológicos utilizados foram: metodologia centrada no sujeito, marcada pela decolonialidade (KILOMBA, 2019), e entrevistas dialógicas (MEDINA, 1995) para compreender os processos de percepção racial

de 4 (quatro) mulheres negras que vivem e se constituem na Amazônia. 3 (três) das quatro sujeitas serão descritas por pseudônimos de mulheres intelectuais negras, pois uma delas preferiu não ser identificada, sendo elas: Grada, 25 anos; Djamila, 20 anos; Lélia, 27 anos. A quarta sujeita não utilizará de pseudônimo, pois é a própria autora deste artigo, Thamyres Costa, 24 anos.

Em suas histórias, Grada e Djamila apresentam suas experiências como mulheres interioranas da Amazônia, sendo a primeira nascida e criada em Ponta de Pedras na região do Marajó e a segunda nascida e criada em Abaetetuba, ambas são residentes da capital do estado do Pará nos dias de hoje. Enquanto, Lélia nasceu no Rio de Janeiro, mas veio para Belém com 10 (dez) anos de idade. Já em minha experiência, sou uma mulher negra nascida e criada em bairros periféricos da capital da Amazônia Paraense.

## 2.1 Processos comunicacionais

“A comunicação não pode ser considerada por si só,  
pois há muitas maneiras de enxergá-la”.  
(Muniz Sodré, 2015)

Nesta seção buscamos compreender a comunicação, seus processos e suas práticas. Aqui, esta ciência será abordada como base para a vinculação humana (SODRÉ, 2015), a partir da interação social. Para compreendermos a interação social no âmbito da comunicação dispomos das contribuições teóricas de Braga (2012) e Sodré (2015;2017).

Para Braga (2012) a comunicação ocorre dentro dos processos de interação. Nesse sentido, quando ocorre a comunicação é porque há a transformação do indivíduo, este indivíduo, por sua vez, muda as sociedades e as instituições, afirma Braga:

É claro que há também modificações extraordinárias (raras) do indivíduo, através de sentimentos oceânicos, de processos de revelação, de *insights* por definição súbitos, do *heureka* repentino. Mudam também as sociedades e instituições, por processos revolucionários, por períodos de revisões abrangentes das ideias, dos comportamentos e das relações produtivas. (BRAGA, 2012, p.26)

O autor ainda completa que, para ele, as interações sucessivas reverberam umas sobre as outras, se escutam de forma mútua “e, por processos incrementais, se modificam a partir de aportes múltiplos e entremeados” (p.29). Sodré (2015) ainda dá continuidade ao pensamento ao afirmar que onde que há trocas, em qualquer nível do organismo social, existe o processo

de socialização, processo este, o qual se dá por meio da interação social. A interação social para o autor: é o efeito da comunicação sobre o comportamento (p.203). Assim, ele conclui que:

A percepção consciente ou inconsciente do que acontece na interação afeta o comportamento e determina o contexto comunicativo. Neste nível, o nível da comunicação interpessoal, predominam os atos expressivos e a troca de mensagens, não necessariamente linguísticos, uma vez que os gestos, os sinais, os afetos concorrem simultaneamente para a conexão intersubjetiva. (SODRÉ, 2015, p.203-204)

É assim que os estudos da comunicação nos permitem compreendê-la a partir das suas dinâmicas, como explicitado por Braga (2012) e Sodré (2015). O entendimento sobre os processos comunicacionais que se dão por meio das interações, possibilita a compreensão de que as trocas existentes nos processos de comunicação transformam e impactam os indivíduos. Dessa forma, Sodré (2007) aponta a comunicação como “compreensão dos novos modos de ser humanos num mundo de tecnologias totalizantes” (p.15), para que seja possível entendê-la para além das mediações comunicacionais.

Dado este entendimento, a comunicação pode ser compreendida através das interações sociais, assim poderemos abordar as questões de percepção racial, pois a essência do ser humano se dá nas suas interações. Dessa forma, hooks (2021) aponta que ao nascermos nós já nascemos num mundo de comunidade, pois estamos cercados por nossa família, médicos, parteiras, entre outras pessoas que fazem parte do nosso campo de conexão (p.162), levando isso em consideração, desde o começo participamos de interações com as pessoas do nosso cotidiano. A partir disso, somos inseridos na sociedade e participamos dos processos de socialização.

No diálogo estabelecido com a sujeita Djamila, no dia 26 de julho de 2023, em Belém do Pará, ela nos explica como as interações sociais impactaram suas experiências como mulher negra desde a sua infância: Foi vivência, apelido de família. Tipo, l  na escola também, as professoras ficavam falando sobre cabelo. Acho que foi muito isso, mais na família, ela diz.

Levando isso em consideração,   possível compreender que as interações envolvem vários processos sociais, entre eles está o processo de comunicar algo e transformar os indivíduos, pois, para o Braga (2012), os indivíduos estão sempre tentando alguma coisa em suas interações, inclusive comunicar (p.36). Já para Sodré (2015), o processo interativo é ainda mais complexo, pois refletir a interação implica em compreender que a comunicação

está “estritamente associada à lógica da cultura como um todo” (p.97). Sodré (2015) ainda afirma que todo discurso se constrói em interação com os outros discursos, o que proporciona a interação dentro da própria comunicação.

Se pode vislumbrar a articulação de duas dimensões: uma intradiscursiva, que diz respeito ao modo como o falante organiza, por tradução individual do que pensa e a partir de sua pré-compreensão das possibilidades semânticas da língua, o seu discurso; a outra interdiscursiva, em que ele oferece o seu ato comunicativo ao confronto ou à negociação (com o objetivo de confirmação ou de contradição) com o discurso do outro, para gerar efeitos de sentido. (SODRÉ, 2015, p.194)

Nessa perspectiva, compreende-se como a comunicação se estabelece nas interações sociais, até ser considerada base para a vinculação humana. Torna-se necessário compreendê-la como um lugar de constituição dos fenômenos sociais e não apenas parte de um processo maior. Na Amazônia Paraense, os atos comunicativos se dão de forma particular levando em consideração a cultura existente e resistente no estado do Pará e os recortes histórico-sociais dessa região do país.

## **2.2 Percepção racial de mulheres negras na amazônia paraense**

“Nós, mulheres negras, nunca estivemos ausentes da história da Amazônia, sempre existimos” (ALMEIDA; MALCHER; BENTES, 2018, p. 104).

Em minha trajetória como mulher negra na Amazônia, primeiro me descobri como mulher negra através dos racismos explícitos e implícitos que vivenciei, além das experiências únicas de ser mulher negra como, por exemplo, ver todas as meninas da minha idade alisando o cabelo para alcançar um ideal de beleza estabelecido pelas mídias hegemônicas do país. Em seguida, me descobri como mulher negra amazônida, ao conhecer as lutas e a história das populações amazônicas, principalmente na universidade. A história das mulheres negras do Brasil e da Amazônia se encontram na tentativa, dos colonialistas, de apagamento da nossa importância e das nossas narrativas. Compreender a importância da minha história e da minha terra foi crucial para reconhecer as inúmeras tentativas de apagamento dessas potências.

Em “Por um feminismo afro-latino-americano”, Gonzales (2020) aponta que desde o período colonial os imigrantes europeus buscaram se concentrar em regiões do país que detinham a hegemonia, sendo assim eles se situaram no sudeste do país (p.94). Dessa forma, ela concretiza que, assim, se inicia a divisão racial do espaço no Brasil, ou seja, uma

segregação territorial extremamente desvantajosa para a população negra. Segunda a autora, 64% da população branca se concentra no Sudeste, região esta a qual é considerada a mais desenvolvida do país (p.94). Enquanto, o norte e o nordeste do Brasil são vistos como a periferia nacional. Para ela:

Quando falo de experiência, quero dizer um processo de aprendizado difícil na busca de minha identidade como mulher negra dentro de uma sociedade que me oprime e me discrimina justamente por isso. Mas uma questão de ordem ético-política prevalece imediatamente. Não posso falar na primeira pessoa do singular de algo dolorosamente comum a milhões de mulheres que vivem na região; refiro-me às ameríndias e *amefricanas*, subordinadas a uma latinidade que legitima sua inferioridade. (GONZALEZ, 2020, p.140)

Se para Gonzales (2020) ser negra no Brasil é ser alvo de tripla discriminação, por conta dos estereótipos machistas e sexistas gerados (p.58). Ser mulher negra que reside no norte do país, na região amazônica, no Estado do Pará, então, é ser alvo de quádrupla opressão e discriminação, pois inclui-se a divisão racial do território brasileiro e, conseqüentemente, as questões socioeconômicas desta região.

Dessa maneira é possível afirmar que a experiência das mulheres negras na Amazônia é diferente dos processos vividos em outras regiões do país, sendo extremamente relevante compreender as particularidades desta região. A partir das diferentes experiências vividas por mulheres negras na Amazônia Paraense, é possível compreender os processos de percepção racial como diversos, ainda tendo como empecilho a construção da “morenidade” paraense, termo utilizado desde o século XIX, como uma forma de apagar as marcas negras da cidade (CONRADO ET. AL, 2015).

Assim, Conrado et. al (2015) afirma:

A região tem a marca das hipérboles e dos mitos, e essa marca condicionou a forma como a população negra foi tratada nas análises acadêmicas e como teve a sua identidade “sufocada” na metáfora do ser moreno/morena até os dias atuais. (CONRADO ET AL, 2015, p. 214)

Apesar do censo de 2022, promovido pelo IBGE, ter apontado que 79,7% da população do estado do Pará se autodeclara como preta ou parda, para os autores Conrado et. al, a consciência de ser um sujeito negro/negra nos leva para uma construção identitária até hoje pouco disseminada entre a população, pois o “ser moreno” implica em uma maior

aceitação social e possibilidade de inserção, provendo assim um senso de pertencimento.

A construção de uma negritude feminina na Amazônia é marcada pela invisibilidade da mulher negra na região (ALMEIDA, ET. AL, 2021, p.262), entretanto é possível compreender que essa invisibilidade forçada nada mais é do que a tentativa de apagamento dessas histórias e embranquecimento populacional. É mais uma tentativa de extermínio das nossas histórias.

Por conta disso, a negritude amazônica emerge do discurso político, urge nas manifestações culturais negras das periferias, em busca de uma consciência racial (CONRADO ET. AL, 2015) e até mesmo de uma percepção racial através desses processos interacionais, os quais são processos comunicativos vivenciados no dia a dia por essas mulheres dentro desta especificidade territorial, marcada pelos desafios de raça e da região amazônica.

### **3 COMPREENDER-SE NEGRA NA AMAZÔNIA PARAENSE**

“A continuidade brasileira da *Arkhé*<sup>3</sup> africana implica a invenção de uma narrativa própria.”  
(Muniz Sodré, 2017)

Diante do referencial teórico exposto, o estudo tem como centralidade as trajetórias de sujeitas negras residentes da Amazônia Paraense, e suas percepções e vivências sobre os processos comunicacionais que as levaram a se compreender como mulheres negras na região amazônica, no norte do Brasil. Sendo assim, a problemática configura-se em: Compreender como os processos comunicacionais impactam na construção de percepção racial de mulheres negras na Amazônia?

Quanto ao objetivo geral, buscou-se refletir sobre como os processos comunicacionais impactam na percepção racial de mulheres negras na Amazônia Paraense. Em relação aos objetivos específicos, estes são: 1) Conhecer quais os processos comunicacionais que fazem parte dessas vivências das mulheres negras na Amazônia Paraense; 2) Analisar os processos de percepção racial dessas mulheres; 3) Identificar como os processos comunicacionais impactam a vivência de mulheres negras na Amazônia Paraense.

Os procedimentos metodológicos são: pesquisa qualitativa, marcada pela decolonialidade (KILOMBA, 2020), onde utilizei de entrevistas dialógicas (MEDINA, 1995)

---

<sup>3</sup> Para Luz (2008) *Arkhé* é um princípio históricossocial e cultural, e é também “a energia mística constituinte da ancestralidade e das forças cósmicas que regem o universo” (p.90).

para compreender os processos de percepção racial de 3 (três) mulheres negras que vivem na Amazônia Paraense, também utilizei da endoperspectiva (SODRÉ, 2017, p.29), para expor minha experiência como a quarta sujeita desta pesquisa. As sujeitas desta pesquisa são 4 (quatro) mulheres pretas residentes da Amazônia Paraense, sendo que 3 (três) das 4 (quatro) sujeitas serão descritas por pseudônimos de mulheres intelectuais negras, pois uma delas não preferiu não ser identificada, elas são: Grada, 25 anos; Djamila, 20 anos; Lélia, 27 anos e, por fim, a autora desta pesquisa, a qual não se utilizou de pseudônimo, Thamyres Costa, 24 anos.

Em suas histórias, Grada e Djamila apresentam suas experiências como mulheres negras interioranas da Amazônia Paraense, sendo a primeira nascida e criada em Ponta de Pedras na região do Marajó e a segunda nascida e criada em Abaetetuba, ambas são residentes da capital do estado nos dias de hoje. Enquanto Lélia, é nascida no Rio de Janeiro, porém vive em Belém do Pará desde os dez anos de idade e pôde se compreender como mulher negra em sua vivência no estado do Pará. Já em minha experiência, nasci, socializo-me e vivo na capital do estado do Pará, Belém.

As entrevistas ocorreram nos dias 25 e 26 de julho de 2023, sendo uma delas realizada por meios virtuais e as outras duas realizadas de forma presencial com as sujeitas na cidade de Belém do Pará. Partindo desta compreensão, as questões norteadoras da entrevista foram:

- I) Como você se declara racialmente?
- II) Quais foram os principais processos que fizeram você se perceber como mulher negra?
- III) Você se compreende como mulher negra amazônida?
- IV) Quais questões, relacionadas a ser uma mulher negra na Amazônia, você enfrenta no dia a dia?

A partir das questões norteadoras, foi possível entender como os processos comunicacionais corroboram para a percepção racial dessas mulheres. A partir disso, foi possível afirmar que todas as sujeitas entrevistadas se autodeclararam racialmente como mulheres negras. Nesse contexto, é possível identificar de forma clara como as interações sociais vivenciadas por elas causaram impactam na compreensão da sua identidade como mulheres negras cidadãs da Amazônia Paraense.

É notável que um ponto de convergência entre as falas é sobre a importância dos ambientes educacionais na construção de conhecimento e até mesmo na construção identitária

dessas mulheres, tais como escolas, faculdades, universidades, entre outros. Para as mulheres negras os ambientes educacionais apresentam uma dicotomia, pois neles há a construção e desenvolvimento do conhecimento, mas também pode ser um ambiente extremamente opressor, machista, sexista, colonialista e racista, dadas as relações sociais com diversas pessoas. São nesses ambientes, onde a comunicação acontece, “porque alguém se transforma” (BRAGA, 2012). Embora ocorra de forma repentina, os processos comunicacionais que acontecem nas interações sociais impactam e transformam os indivíduos envolvidos nesses processos. Para Braga (2012): os processos comunicacionais se apresentam, na prática social, de modo consciente, por uma percepção difusa de sua relevância (p.30)

Lélia, em sua entrevista, aponta a escola como um ambiente que a auxiliou nesse processo de percepção racial.

Eu acho que o maior estalo foi quando teve o Dia da Consciência Negra, eles fizeram um evento na escola que era pra mostrar [...] A beleza negra, falar sobre, não era tanto quanto é hoje, mas já tava caminhando, né?! E aí eles fizeram um desfile e eles colocaram meu nome, sem eu pedir, entendeu? Sem eu falar nada. Meu amigo falou “ah não, tu vai participar” [...] e eu nunca me aceitava assim, né?! O meu cabelo era alisado e tudo mais, mas mesmo assim era bem difícil pra mim. E quando eu desfilei, eu ganhei o desfile [...] E eu fiquei assim: meu Deus, que coisa! [...]. E muita gente veio falar comigo, porque foi a escola toda, né?! Me viu ali. Então, eu acho que foi nessa hora que eu parei e prestei atenção. (Lélia, 2023. Modificações nossas)

Já Grada aponta a faculdade como lugar onde ocorreu “a grande virada de chave”, como afirma a sujeita:

Porque a gente teve mais pessoas ao redor que debatiam sobre o tema, né (na faculdade). Então, tu começa a fazer essa percepção, mas os processos eles vão se desenhando à medida que tu vai vivendo, eu acredito, né, porque [...] é como se tu tivesses caminhando para chegar, fazendo uma escalada, tu vai convivendo com pessoas, tu vai adquirindo experiências, tu vai adquirindo conhecimentos e tu vai guardando aquilo pra ti. Então, tu chega a um determinado momento que tu para pra fazer uma análise sobre quem tu és, quando tu passas a fazer essa análise tu pensa: [...] eu sou uma mulher negra, porque eu tenho um pai preto, eu tenho vó indígena, mas eu também sou fruto de uma miscigenação, porque eu tenho uma avó italiana. [...] mas eu moro aqui. Então, toda essa região e essa cultura, ela faz parte da minha história também. (Grada, 2023. Modificações nossas)

Outro ponto bastante apresentado pelas sujeitas na pesquisa foi em relação ao cabelo e aos traços, considerados traços de pessoas negras. Em todas as narrativas apresentadas por elas, quando mais novas todas as 4 (quatro) sujeitas foram submetidas a procedimentos

estéticos e capilares, como uma tentativa de ficarem mais parecidas com as referências de beleza que a mídia e a sociedade apontavam como exemplos, ou seja, mulheres brancas de cabelo liso.

Djamila e Grada se consideram mulheres negras amazônidas, por terem nascido nos interiores de estado do Pará, em Abaetetuba e Ponta de Pedras, e posteriormente vieram conviver com os desafios da capital do estado do Pará. Enquanto, Lélia, não se considera uma mulher amazônida, pois não nasceu nesta região do país e não consegue identificar as questões regionais no seu cotidiano, ela contou que veio morar no Pará aos dez anos de idade, e se identifica mais com as pessoas da sua cidade natal, o Rio de Janeiro no sudeste do país.

Partir disso, Grada apresenta sua perspectiva de ser uma mulher negra amazônida.

Então lá (em Ponta de Pedras), essa questão identitária é muito forte, a gente tem orgulho de ser do Marajó, a gente tem orgulho de fazer parte daquela região. Então, isso sempre foi muito forte em mim. Assim, nunca teve muita vergonha de vir de onde eu vim [...] e quando tu percebe que a gente tá num... basicamente no centro da Amazônia, nós temos características que são próprias nossas, uma cultura que vem dos nossos ancestrais e que é nossa. (Grada, 2023. Modificações nossas)

Já abordando ao que tange a quarta pergunta norteadora, as sujeitas apresentaram diferentes perspectivas. Grada, afirma que até os dias de hoje não sentiu que sofreu algum tipo de racismo ou preconceito por ser negra e amazônida, em contraponto ela marca a presença do machismo e do preconceito por ter sido inserida ao mercado de trabalho muito jovem, aos 18 anos. Por outro lado, Lélia percebe com bastante clareza muitos desafios enfrentados por mulheres negras na região norte do Brasil, “tem muitas dificuldades né, a primeira é de chegar em ambientes, de ser reconhecida, as pessoas dão preferência às pessoas brancas”, ela diz.

Outros pontos que ela aborda é em relação ao mercado de trabalho e até mesmo a saída com as amigas para se divertir.

Eu percebo que eles descredibilizam muito uma pessoa negra, eles dão mais credibilidade para fala de uma pessoa branca ou até mesmo de um homem, né?! Do que de uma mulher negra. Então, até quando eu saio pra festas que eu vou com esse meu ciclo de amizade que é composto por pessoas brancas, eu vejo que às vezes sou deixada mais de escanteio, quem tem notoriedade são as minhas amigas que são brancas e aí eu sou meio que excluída. E é diferente quando eu tô no Rio (de Janeiro) [...] que eu não percebo essa exclusão. (Lélia, 2023. Modificações nossas)

Com base na fala de Lélia, é possível refletir sobre o sufocamento da identidade negra no Pará, como abordado por Conrado et. al (2015). É importante pontuar que para Lélia, por também ter contato com a cultura carioca, o Rio de Janeiro apresenta-se, para ela, como um lugar onde há mais inclusão e aceitação de pessoas negras. Embora, de acordo com Censo de 2022, 79,7% da população paraense se autodeclara como preta ou parda, enquanto no estado do Rio de Janeiro a população que se autodeclara preta ou parda corresponde há 57,8% da população. A sujeita afirma que se pudesse escolheria viver no Rio de Janeiro, pois é onde ela se sente mais confortável.

Quando eu vou pro Rio, eu venho pra cá, eu vejo esse contraste muito grande, porque eu acredito que lá é muito mais como eu posso dizer [...] tem pessoas iguais a mim, né? Eu sempre falo isso, que lá eu vejo mais pessoas parecidas comigo do que aqui em Belém [...] tanto é que quando eu saio, eu não me sinto tão mal, não me sinto tão... feia, vamos supor, porque eu vejo muitas pessoas. Então, eu me identifico muito com as pessoas, e aqui em Belém eu já vejo que tem um estereótipo de mulher diferente, né? Que a maioria puxa mais pra traços indígenas, se eu não me engano, aí tem aquela questão do cabelo liso, branco, né?! Dos traços [...] mais finos e tal, então isso é me causou um certo impacto. (Lélia, 2023. Modificações nossas)

Já do ponto de vista de Djamila, ela apresenta a sexualização dos corpos negros, exclusão por conta da cor e o racismo velado existente no cotidiano.

Sendo uma mulher preta tem muito da questão de sexualizar muito o corpo, tipo ah passou na rua, tem muito “ah minha preta” [...] “uma mulher linda como tu”, acho que é muito isso, e também na escola, de meio que, às vezes, excluir por conta da cor. (Djamila, 2023. Modificações nossos)

Por fim, no decorrer dos diálogos, surgiu a inquietação de questionar as sujeitas sobre acreditar que a sociedade influencia nesse processo de percepção racial, todas as sujeitas entraram em acordo. Essas diferentes narrativas apontam as socialidades, desenvolvidas nas interações sociais, como responsáveis, pelo menos em grande parte, pelo processo de percepção racial. Esse processo é marcado pela dor, pelo racismo velado e estrutural, pelo sexismo, pela opressão de classe e pela opressão das mulheres negras na Amazônia Paraense. Estar situadas em uma região rica, porém cheia de conflitos histórico-sociais, como é a Amazônia Paraense, traz as tentativas de sufocamento das narrativas das mulheres negras.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da análise das entrevistas realizadas, é possível considerar que esta pesquisa alcançou os objetivos propostos.

Assim, compreende-se que os processos comunicacionais que ocorrem nas interações sociais são fundamentais no processo de percepção racial de mulheres negras na Amazônia Paraense, pois é através dos processos comunicativos, das vivências e violências que essas mulheres passam a se reconhecer como mulheres negras que vivenciam a realidade da Amazônia Paraense.

Ao que tange ao primeiro objetivo específico, os processos comunicacionais reconhecidos foram as interações sociais a partir do conceito de interação de Braga (2012) e Sodré (2015). Para Braga (2012), nas interações as pessoas reverberam sobre as outras, se escutam simultaneamente e “se modificam a partir de aportes mltiplos e entremeados” (p.29). Em complemento, para Sodré (2015), a intera o  : uma instância inerente à partilha comunicacional, terminou sobrelevando o significado de transmissão de mensagens (p.8).

Já quanto ao segundo objetivo específico, foi possível analisar que esses processos comunicacionais impactam e marcam as vivências dessas mulheres, fazendo com que elas se autopercebam como mulheres negras vivendo no contexto amazônico Paraense e enfrentando os dilemas políticos, sociais e econ micos da região norte do Brasil, como a tentativa de embranquecimento da popula o por meio da “morenidade” (CONRADO ET. AL, 2015).

Por fim, o terceiro objetivo específico foi alcançado ao entender como os processos comunicacionais de intera o social impactam essas mulheres, de forma com que elas podem perceber o racismo e o machismo velados ou explícitos, os quais lhes foram impostos em toda a sua existência, desde o âmbito familiar até os ambientes educacionais, afetivos, trabalhistas, entre outros. Pois, de acordo com Sodré (2015), “a percep o consciente ou inconsciente do que acontece na intera o afeta o comportamento e determina o contexto comunicativo” (p.203).

Com este artigo viabilizou-se a explana o dessa temática tão necessária na Amazônia e ainda pouco abordada pelos pesquisadores acad micos no campo da comunica o social na Amazônia Paraense. Nesse contexto, a narrativa das mulheres negras, as quais ajudam a construir tanto a na o brasileira quanto o estado do Pará, precisa ser documentada e investigada a partir das margens, como sugere Kilomba (2019), por elas e para elas como as sujeitas protagonistas da história. Pois, as mulheres negras resistem mesmo com as tentativas

constantes de apagamento das suas narrativas.

## 5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria das Dores do Rosário; MALCHER, Maria Albenize Farias; BENTES, Raimunda Nilma de Melo. Faces da Luta das Mulheres Negras da Amazônia. In: SILVA, Carmen (org.). **Mulheres negras e populares do Norte e Nordeste: experiências que se entrelaçam**. Salvador: Cese/SOS Corpo, 2018, p. 45-63.

ALMEIDA, Maria das Dores do Rosário; VIEIRA, Piedade Lino; CUSTÓDIO, Evaldo Sessão. **Mulheres negras amazônidas: histórias contadas por outros olhares**. Revista *Ártemis*, vol. XXXII nº 1; jul-dez, 2021. pp. 255-273.

BRAGA, José Luiz. Interação como contexto da Comunicação. **Matrizes**, v. 6, n. 1, p. 25-41, 2012.

Censo Demográfico 2022 Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade Resultados do universo. [s.l: s.n.]. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3105/cd\\_2022\\_etnico\\_racial.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3105/cd_2022_etnico_racial.pdf). Acesso: 16 jan. 2024.

CONRADO, M.; CAMPELO, M.; RIBEIRO, A. **Metáforas da cor: morenidade e territórios da negritude nas construções de identidades negras na Amazônia paraense**. *Afro-Ásia*, n. 52, 3 abr. 2015.

FREITAS, Alan Araújo. **PERCEPÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL: NUANCES E ESPECIFICIDADES DENTRO DA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA**. v. 3, n. 6, p. 4699-4719, 5 jun. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUZ, MA. **Cultura negra em tempos pós-modernos** [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2008. 181 p. ISBN 978-85-232-0531-7. Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. [s.l.] Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2020.

HOOKS, BELL et al. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

MEDINA, C. DE A. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo (SP): Ática, 1995.

SODRÉ, Muniz. **Sobre a episteme comunicacional**. MATRIZes.V.1, n.1, São Paulo, outubro de 2007, p. 15-26. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38174..br/matrizes/article/view/38174>.

\_\_\_\_\_. **A ciência do comum**. [s.l.] Editora Vozes Limitada, 2015.

\_\_\_\_\_. **Pensar nagô**. Editora Vozes Limitada, 2017.